



DEBATES EM EDUCAÇÃO

Programa de
Pós-graduação
em Educação (PPGE)



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS

ISSN Eletrônico 2175-6600

Vol. 12 | Nº. 27 | Maio/Ago. | 2020

Lucelia de Moraes Braga Bassalo



Universidade do Estado do Pará (UEPA)

lbassalo@uol.com.br

Alessandra de Almeida Souza



Secretaria de Educação do Estado do Pará

alessandra_almeidasouza@yahoo.com.br

ESTÃO ROUBANDO A NOSSA FELICIDADE: PERCEPÇÕES DE JOVENS AMAZÔNICOS, ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO, SOBRE VIVER NUM BAIRRO POPULAR

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa acerca das restrições vivenciadas por jovens estudantes das camadas populares moradores de um bairro de Belém do Pará. A investigação inseriu-se em uma abordagem metodológica qualitativa com o enfoque na fenomenologia social de Alfred Schütz. Para a reunião de dados foi utilizado Grupos de Discussão e como técnica de análise, o Método Documentário. Dos resultados, emergiram sentidos que revelam os modos como os e as jovens estudantes percebem as dificuldades e a positividade em ser jovem de um bairro popular: restrições a liberdade, violência e preconceito, impacto da infraestrutura no acesso à escola e identificar qualidades eminentes. O resultado apontou para o delineamento do modelo de orientação coletiva, denominado *dicotomia*.

Palavras-chave: Juventude. Ensino Médio. Educação.

THEY ARE STEALING OUR HAPPINESS: PERCEPTIONS OF AMAZONIAN YOUNG HIGH SCHOOL STUDENTS ABOUT LIVING IN A POPULAR NEIGHBORHOOD

ABSTRACT

This article presents the results of a research about the restrictions experienced by young students from the lower classes living in a neighborhood of Belém do Pará. The research was part of a qualitative methodological approach focusing on Alfred Schütz's social phenomenology. For the data gathering, Discussion Groups and technique of data analysis of Documentary Method, were used. From the results, meanings emerged that revealed the ways in which young students perceive difficulties and positivity in being young in a popular neighborhood, relating restrictions on freedom, violence and prejudice, impact of infrastructure on access to school and identifying eminent qualities. The result pointed to the delineation of the collective orientation model, called dichotomy.

Keywords: Youth. High school. Education.

Submetido em: 26/08/2019

Aceito em: 13/01/2020

Publicado em: 22/06/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n27p410-426>



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

I INTRODUÇÃO

O conceito de juventude está pautado na perspectiva geracional mannheimiana que acredita na construção das juventudes como um processo permanente de continuidades e de discontinuidades. Cada geração juvenil que nasce carrega consigo um pouco das gerações anteriores. Jovens que nasceram em um mesmo período e vivenciaram os mesmos problemas históricos fazem parte do mesmo grupo geracional. A concepção geracional de juventude está para além da delimitação de uma faixa etária ou de um grupo com características específicas, por isso amplia-se e leva-se em consideração o contexto histórico, social e cultural em que o jovem está inserido.

Os sujeitos jovens deste estudo não são de um lugar qualquer, são jovens estudantes das camadas populares de um bairro no centro de Belém do Pará, denominado Terra-Firme. Logo, reconhecemos a multiplicidade de experiências que integram o cotidiano de jovens. Ou seja, de acordo com Bassalo e Damasco (2016, p. 44) “O jovem está inserido num tempo, numa sociedade, num contexto histórico-social, logo está em relação com um outro, seja esse outro mais novo ou mais velho”. Estudos sobre sujeitos jovens ou sobre a juventude devem considerar seu caráter relacional como apontado pelas autoras uma vez que “se trata de uma condição historicamente construída e determinada cuja caracterização depende de diferentes variáveis, sendo as mais notórias a diferenciação social, o gênero e a geração” (MARGULIS, 2001, p. 42).

O presente trabalho é um recorte de um trabalho mais amplo e tem como objetivo compreender os sentidos e os significados de ser jovem e morador de um bairro das camadas populares da cidade de Belém do Pará. A investigação inseriu-se em uma abordagem qualitativa, amparada na fenomenologia social, utilizando como forma de reunião de dados o Grupo de Discussão (WELLER, 2006) e como técnica de análise de dados o Método Documentário que possibilita a reconstrução do modelo de orientação coletiva de determinado grupo social (BOHNSACK; WELLER, 2011). Participaram 30 jovens estudantes de Ensino Médio de duas escolas públicas de Belém do Pará, por meio de 7 (sete) grupos de discussão, sendo que, neste texto, serão apresentados 4 (quatro), denominados de Liberdade, Futebol, Denúncia e Questionadores.

A abordagem qualitativa prioriza o universo de significados que os fenômenos sociais possam estabelecer a partir das motivações, aspirações, valores e atitudes dos sujeitos. Ela também possibilita ao pesquisador a compreensão dos significados que estão impressos, tanto nas ações quanto nas relações humanas. A fenomenologia social salienta que o mundo da vida cotidiana é intersubjetivo e cultural, pois há a coexistência e a convivência dos homens entre si não somente de maneira corporal e entre objetos e sim, como sujeitos dotados de consciência essencialmente similar. É intersubjetivo porque há a interação e a vinculação dos sujeitos nas diversas relações sociais, permitindo-se compreender e ser compreendido.

É cultural, pois esse mundo apresenta significações que necessitam ser interpretadas para servir de orientação ao ser humano (JESUS, 2013).

O artigo tem como objetivo apresentar a compreensão das percepções dos jovens estudantes do Ensino Médio acerca do modo de ser jovem num bairro popular. Partiu-se da seguinte questão: sendo estudantes do Ensino Médio e, portanto, com maior escolaridade do que a maioria dos moradores de seu bairro, como avaliam ser jovem e morador de um bairro popular que está situado no centro da cidade de Belém? Como percebem o cotidiano da relação entre ser jovem e fazer uso dos espaços do próprio bairro? Há implicações no lazer e na escola?

Os resultados possibilitaram o delineamento do modelo de orientação coletiva, denominado *dicotomia*, que reúne as percepções relacionadas a aspectos de restrições à liberdade e identificação de aspectos positivos.

2 JUVENTUDE AMAZÔNICA COMO GERAÇÃO

A Teoria das Gerações de Karl Mannheim (1993), aporte deste estudo, considera que a juventude, ou cada geração de jovens, compartilha em uma situação social experiências comuns e que, por isso, usufruem juntos e contemporaneamente dos mesmos benefícios e opressões configurados no contexto em que estão inseridos. Todavia, não significa que todos vivenciem as mesmas experiências, ao contrário, estar inserido em contexto social e geracional similares contribui para a estratificação da experiência. O contexto social e histórico implica a constituição do sujeito jovem e da sua juventude dando nuances particulares e qualitativamente específicas.

Dessa forma, pensar no conceito de juventude é ter ciência de que esse termo carrega consigo uma variedade de sentidos e significados, visto que é uma categoria geracional compreendida por ser mutável e plural apresentando marcas de seu contexto histórico e social. Os sujeitos desta pesquisa apresentam de forma acentuada essa pluralidade, pois, são jovens amazônicos, das classes populares da cidade de Belém do Pará.

Segundo Hage (2001), a região amazônica apresenta uma característica complexa em sua composição geográfica, sociocultural e econômica, fruto de uma estratégia de ocupação que ocorreu no Brasil durante o período do regime militar (1964-1985). O governo militar, por meio dos grandes projetos de integração da região com o restante do país, realizou uma política que promovia a "ocupação da Amazônia", justificando a necessidade de integrá-la para não entregar (suas riquezas) e assim acelerar o crescimento econômico do país e colonizar as terras amazônicas. Essa política trouxe para a Amazônia populações de diversas regiões brasileiras como os nordestinos e sulistas, em busca de emprego nas grandes empresas, nos municípios onde estavam sendo implantados os grandes projetos do governo. Por

conta da necessidade empregatícia, muitas pessoas se aventuraram a sair de sua terra natal e fixar residência na Amazônia. Como consequência, houve uma explosão demográfica desordenada e precária que causou uma urbanização excludente. Ou seja, o processo imigratório e migratório assumiu um importante papel no processo de fortalecimento do desenvolvimento de modernização conservadora aplicada na região.

O processo migratório para o local proporcionou também a formação identitária da juventude. Processo este que fez da Amazônia uma região multifacetada, composta por muitos sujeitos sociais, como indígenas, quilombolas, caboclos ribeirinhos e da floresta, sem-terra, assentados, pescadores, camponeses, posseiros, migrantes oriundos, especialmente, das regiões Nordeste e do Centro-sul do país, entre outras populações. Cada um desses sujeitos possui sabedoria, tradição, cultura e economia que são importantes para a composição heterogênea da Amazônia.

2.1 Juventude das camadas populares

As constantes mudanças originam a fluidez e incertezas dos tempos atuais em vários setores da sociedade. A crise e a precariedade de emprego, as modificações tecnológicas intensas em um período curto adiam o tempo médio de capacitação das pessoas e criam a necessidade de qualificação permanente na disputa dos postos de trabalho, em especial, nos meios urbanos (NUNES; WELLER, 2014). Os jovens das camadas populares são os que mais sentem o peso de tais mudanças.

De acordo com Dayrell (2007), as mudanças ocorridas no mundo do trabalho alteraram as formas de inserção do jovem no mercado, pois houve a expansão das taxas de desemprego, do desassalariamento e criação de postos precários, atingindo, principalmente, os jovens das camadas populares, restringindo seus horizontes e possibilidades de experiência. Esses jovens, em sua maioria, apresentam restrições materiais e financeiras, situação que limita a condição juvenil aproveitando os benefícios que seriam comuns a essa categoria, como: educação, cultura e lazer.

A vivência da juventude das camadas populares tem sido cada dia mais precária e cheia de ausências, tornando a vida do jovem dura e sem perspectivas para o futuro. Além disso, de acordo com Frigotto (2009), tendem a sofrer um processo de adultização precoce, devido aos desafios que lhes são impostos. Para o autor, um número significativo desses jovens sofre violência em seu meio e em suas condições de vida enquadrando-se em uma situação de risco permanente; são alvos das mais diversas formas de violência, proporcionadas pelo Estado que as justifica como “um choque de ordem”. Esses grupos de jovens são desumanizados e socialmente violentados, tornando-os alvos fáceis para o mercado da prostituição infanto-juvenil, gangues e para o tráfico de drogas.

A maioria dos jovens brasileiros precisa trabalhar para viver a condição juvenil, garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo. O trabalho não implica necessariamente no abandono

escolar, apesar de influenciar na trajetória escolar. A escola e o trabalho, segundo Dayrell (2007), são projetos que se superpõem e, dependendo do momento da vida do jovem e das condições sociais que lhes favoreça viver a condição juvenil, ambos podem sofrer ênfases diversas. Nesse sentido, “o mundo do trabalho aparece como uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil, podendo-se afirmar que o trabalho também faz juventudes” (DAYRELL, 2007, p. 1109).

A posição social constrói juventudes diversas, pois a condição juvenil das classes populares é significativamente diversa da condição juvenil das classes que detêm um poder econômico maior. Os jovens das classes mais abastadas podem viver sua juventude tranquilamente, fazendo dela um prolongamento da sua infância, utilizando o seu tempo livre para estudar, fazer cursos, divertir-se, apreciar diferentes culturas, ir a museus, teatros, cinemas, entre outros espaços. Cenário diferente é o vivenciado pelos jovens das camadas populares que não têm a moratória social que corresponde a viver um período mais ou menos longo, com relativa despreocupação e isenção de responsabilidades, em que a família os protege e a sociedade os compreende (CAMACHO, 2004).

O tempo livre “dado” aos jovens mais abastados não tem a mesma representação para os jovens das camadas populares, pois a condição social e econômica que vivem suas famílias transforma-o em “frustração, infelicidade, impotência, culpabilização, sofrimento e mais pobreza” (CAMACHO, 2004, p.332). Nesse sentido, a maioria dos jovens brasileiros, inseridos no mercado de trabalho, não vive a juventude caracterizada pela moratória social, pelo contrário, o trabalho é uma mediação para se viver a condição juvenil, mas o seu tempo livre, na maioria das vezes não é dedicado à qualificação, necessária para seu futuro profissional, pois não possuem capital para tal.

As restrições já apontadas não os impedem de viver sua juventude de acordo com o que seu contexto ou condição permite ou oportuniza. O lugar social que ocupam não os impede que pensem a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, muito menos de amar, sofrer, divertir-se. Carregam consigo marcas simbólicas que são instrumentos de comunicação e até mesmo posicionamento diante de si e da sociedade. O seu corpo traz consigo marcas do seu modo de ser jovem, que podem ser representadas pelas tatuagens, *piercing*, brincos e vestimentas. A música e a dança também são expressões que aproximam jovens de outros jovens para a socialização, posto que se agrupam para conversar e escutar músicas e até mesmo produzir vídeos, danças ou mesmo programas em rádios comunitárias. O jovem, assim, demarca sua identidade juvenil, ganha visibilidade com o seu modo de ser e com a ostentação dos aparelhos eletrônicos, em especial os aparelhos celulares.

Diante da realidade das camadas populares, os grupos culturais ganham grande relevância, pois a inserção de jovens nesses grupos lhes dá a possibilidade de construção de uma boa autoestima e formação positiva de sua identidade. Se a juventude não é homogênea, as práticas culturais juvenis também não são e isso significa que “as práticas juvenis se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis são

capazes de processar num contexto de múltiplas influências, externa e interna, produzidas no interior de cada grupo” (DAYRELL, 2007, p. 1110). O estudioso reitera que no entorno de um mesmo estilo cultural, pode haver práticas de violência, de intolerância e de agressividade, assim como existem outras que se orientam para viver de forma saudável seu tempo livre.

Se o espaço onde ocorrem a sociabilização dos jovens da periferia é visto por outros como um espaço precário, perigoso e hostil, para eles é visto de outra maneira. Cada “canto” por onde circulam, recebem simbolizações e conotações que perpassam pelo campo afetivo, neles, ocorrem conversas, encontros, namoros, brincadeiras e bebericagens, pois

Para eles a periferia não se reduz a um espaço de carência de equipamentos públicos básicos ou mesmo de violência, ambos reais. Muito menos aparece como um espaço funcional de residência, mas surge como um lugar de interações afetivas e simbólicas, carregados de sentidos (DAYRELL, 2007, p. 1112).

A partir do momento em que se apropriam do espaço, transformam-no de acordo com sua necessidade, geralmente em locais de lazer, mesmo que esses locais sejam considerados por outros (adultos e não moradores do local) como impróprios. É por isso que ruelas transformam-se em palcos para diversas expressões juvenis, bares simples tornam-se o “*point da galera*”, praça sem banco para sentar, torna-se um local de encontro fácil e favorito. Cada espaço desses é importante para esse jovem, pois, nele são vivenciadas diversas experiências, sejam elas, de amizade, de romance, de trabalho, de lazer, de expressões culturais e de protesto. Os jovens expandem seu lugar de socialização, interconectam-se em outros bairros à procura de momentos de lazer mesmo tendo pouco ou nada de recursos para a diversão. Sair do seu bairro em busca do lazer é um desafio válido, pois oferece ao jovem alegria e prazer (DAYRELL, 2007).

3 ENTRE RESTRIÇÕES E POSSIBILIDADES DE SER JOVEM ESTUDANTE

É certo que meninos e meninas de bairros de camadas populares desfrutam de poucas chances de experimentar de forma positiva a sua condição de ser jovem por conta do cenário de violência e de restrições materiais, todavia, a análise de suas falas por meio do Método Documentário apontou para a construção do modelo de orientação *dicotomia* a partir da identificação que em suas narrativas sobre viver no bairro é ter não só experiências negativas, mas também positivas.

Ao serem perguntados sobre como é ser jovem e morador de um bairro popular, apontaram como ponto negativo a restrição de liberdade. Vejamos:

Am: Tem tipo... tem várias coisas né... maneiras... tipo classes... grupos sociais.

Bf: Isso. Exatamente... várias maneiras, tipo... tem vários jovens de vários tipos, tem ...jovens que

Cf: Jovens que gostam de ir pra festa

Bf: Isso! Jovens que gostam de sair, jovens que gostam de ficar em casa, jovens que curtem outras coisas, entendeu Tipo... várias maneiras diferentes

Bf: Cada um tem a sua opinião. Na verdade, assim, a gente podia chegar um pouco mais tarde na nossa casa, mas a violência tá demais.

E agora a gente tem horário para sair horário para entrar no caso, é, pessoas que fazem coisas erradas, é, tipo a gente, tá sofrendo por... por precaução de outras pessoas, entendeu? Tipo... pessoas que realmente estão fazendo coisas erradas tão saindo de casa e gente que trabalha não pode mais sair porque eles estão matando qualquer pessoa. Eles. não matam somente quem está fazendo coisas erradas... tipo... gente tem que sair cedo para trabalhar e chegar cedo porque se chegar a partir das 10 horas se você tiver na rua, eles não querem saber quem é, eles chegam e matam, eles não querem saber se tu tem culpa ou se tu não tem. (GD LIBERDADE)

Os garotos e as garotas percebem que não há um padrão sobre ser jovem, tal qual afirmam os estudiosos da área da juventude. Esse GD aponta a diversidade quando dizem “tem jovens de vários tipos” (Am), “jovens que gostam de ir para festa” (Cf), “jovens que gostam de sair, jovens que gostam de ficar em casa, jovens que curtem outras coisas” (Bf). A diferenciação corresponde às várias maneiras que se socializam, se divertem ou buscam lazer. Quando Bf diz: “na verdade, assim, a gente podia chegar um pouco mais tarde em casa, mas a violência tá demais”, compreende-se que os meninos e as meninas apresentam a clareza que a violência no bairro tornou-se extrema e os coloca em perigo, mas em tempos anteriores era possível circular após 22h, com, talvez, maior sensação de segurança.

O aumento da violência incide na limitação do horário e na restrição de liberdade desses/dessas jovens, já que a partir de determinada hora colocam em risco suas vidas, posto que “eles chegam e matam” (Bf). Essa situação desperta nos meninos e nas meninas sentimentos de medo e de insatisfação. O medo é percebido no trecho: “gente que trabalha não pode mais sair porque eles estão matando qualquer pessoa” (Bf).

A ideia de restrição de liberdade foi associada também a outro fator, como ficou evidente ao prosseguirem no debate:

Am: Quem sofre as consequências somos nós

Bf: É, nós jovens.

Cf: Por isso, tipo, a gente não pode mais ficar na rua. A gente se sente tipo acuado, né

Bf: Porque a gente é jovem

Cf: A gente se sente tão prejudicado

Bf: tipo... eles... é... Estão roubando nossa felicidade porque a gente não tem nada a ver, não temos nada a ver com que está acontecendo, têm alguns jovens que não têm que não se metem, mas tem uns que têm. E só porque a minha fala é... Junto... É parecido com a fala dos que estão fazendo coisas erradas, eu também sou reconhecida como se fosse, entendeu? Só porque eu tenho amizade com pessoas que são do mundo do crime... eles me confundem, Só porque eu

tenho cor de pele diferente... eles me confundem, só porque eu sou da classe média baixa, sou da classe baixa, eles me confundem... Então tipo... os filhinhos de papai eles até os filhinhos de papai estão se metendo no crime, gente que não precisa disso. Tipo... tá certo que a gente não, a gente não entra no mundo do crime porque não tem condições? Mas filhinho de papai que não tem, tem onde estudar, tem uma boa escola, tem uma casa legal, tudo que precisam tem, entra no mundo do crime pra quê, gente? Eu não entendo? (GD LIBERDADE).

Da frase “Estão roubando a nossa felicidade” (Bf), compreende-se que alguém estaria apropriando-se de forma violenta de um bem alheio, no caso, de um bem subjetivo desses meninos e meninas, a sua liberdade, já que o termo “roubar” denota o sentido de apropriação de um bem de outrem por meio de ameaça, de fraude ou da violência. Para Bf, o roubo de sua felicidade estaria atrelado à restrição de sua liberdade em circular dentro e fora do bairro em horários noturnos. Quando diz: “E só porque a minha fala é... Junto... É parecido com a fala dos que estão fazendo coisas erradas, eu também sou reconhecida como se fosse, entendeu?”, pode-se depreender que ela localiza preconceito linguístico¹ pelo fato de comunicar-se, em determinadas situações, tal qual o jovem envolvido em atos ilícitos. A utilização da variante de linguagem não padrão possibilita que sejam estigmatizados, pois o modo de falar é avaliado como algo negativo e sem prestígio social, já que são consideradas inferiores ou errada pela gramática normativa da língua portuguesa. Ao dizer: “eles me confundem”, expressa o sentido de que há a associação de jovens ao crime por utilizarem essa variante linguística.

Ao usar nesse trecho do grupo de discussão três vezes a frase: “eles me confundem” e “só porque” revela a compreensão que tem acerca da discriminação e dos estigmas que sofre por causa de sua cor, de sua raça e de sua classe social e também por manter uma relação de cordialidade ou até amizade com pessoas atreladas ao crime.

Ao dizer que tem a “cor de pele diferente”, revela uma percepção de que a pele de cor branca seria “normal” ou “padrão”, padrão de não criminoso, de modo que a menina identifica o preconceito racial, pois a pele negra carregaria o estereótipo negativo, ligado a infrações. Em contrapartida, ao relatar: “os filhinhos de papai eles... Até os filhinhos de papai estão se metendo no crime, gente que não precisa disso?” mostra a compreensão de que a ligação de um jovem ao mundo do crime seria causado pela ausência de recursos financeiros e por isso não faria sentido a participação dos jovens de classe média/alta na criminalidade. Nas entrelinhas é dito que é compreensível um jovem pobre fazer parte deste mundo, já que ele não é provido de estrutura financeira tal qual o jovem rico.

Percebe-se, também, sua insatisfação nas frases: “Quem sofre as consequências somos nós” (Am), “é, nós jovens” (Bf), pois jovens como eles têm vontade de socializar-se, de transitar por diversos lugares em busca de diversão, em diferentes horários, todavia são impedidos por fatores externos, como o aumento da criminalidade que atravessa o bairro que os impede de fazer o que gostariam.

¹ Segundo Marcos Bagno (1999) não existe uma forma “certa” ou “errada” dos usos da língua e o preconceito linguístico, gerado pela ideia de que existe uma única língua correta (baseada na gramática normativa), colabora com a prática Exclusão social.

Um dos grupos formado somente por meninas apresenta também a temática da restrição de liberdade como explicação de como é ser jovem e moradora no bairro da Terra Firme.

Bf: Eu acho que tem seu lado prós e seu lado contra; eu gosto muito do bairro da Terra Firme, mas eu tenho muito medo, é... tenho medo da insegurança, tenho medo de sair de casa às vezes, aí, eu fico olhando pra um lado e pro outro que eu fico com medo de um @²carro prata@

Af: ahã, ahã

Bf: ou um preto pegar, não sei

Af: Na verdade, @qualquer carro, né?@

Bf: Eu estou me sentindo ultimamente, é::: com muito medo, mas como eu falei, né? Tem seus prós né que... o bairro da Terra Firme tem muita gente honesta ... trabalhadora que luta todos os dias pra mudar esse=esse lado da violência que tem aqui no Bairro da Terra Firme

Cf: Eu tenho medo de ser sequestrada, na rua, eu sempre gravo as placas do carro porque... se... tipo...eu for sequestrada e tiver a oportunidade de pegar um telefone, eu já vou falar, eu estou aqui nessa casa, tal, tal o número da placa é essa, essa, eu já fico com esse pensamento, já. Eu já fico assim atordoada. O lado bom é que é um orgulho de morar aqui na Terra Firme, porque às vezes as pessoas falam assim mesmo: "me rouba logo" e isso já é meio que um preconceito, né? Porque eles pensam que aqui é, tipo uma periferia que só tem ladrão e que todo mundo aqui rouba, mas tem as pessoas que como a Bf falou que são boas, que são trabalhadoras e é isso (GD DENÚNCIA).

A rotina de violência ocasiona nas jovens meninas moradoras do bairro consequências emocionais. A palavra *medo* é citada por elas diversas vezes como se vê nas frases: "eu tenho muito medo" (Bf), quando ela enfatiza: "Eu estou me sentindo ultimamente, é... com muito medo" (Bf) e "Eu tenho medo de ser sequestrada" (Cf). Esse sentimento é reflexo de um cotidiano violento vivido rotineiramente pelas meninas do grupo.

Esse grupo aponta uma particularidade delineada por Cf ao dizer: "Eu tenho medo de ser sequestrada, na rua". Elas chamam atenção para uma característica singular, que parece ser uma rotina no bairro: "eu fico olhando pra um lado e pro outro que eu fico com medo de um @carro prata@" (Bf), '@qualquer carro, né?@' (Af). A presença do carro prata ou preto³ nas ruas desperta a atenção para um perigo iminente revelando uma dinâmica própria do bairro que elas vinculam a situações de perigo. Ao dizer a expressão "carro prata" entre risos demonstram certo nervosismo com o que ele significa, expresso na frase: "Eu já fico assim atordoada" (Cf) e, ao mesmo tempo, demonstra uma posição de familiaridade, uma situação que já lhes é corriqueira, ainda que as lembre momentos ruins, de ameaça a sua integridade e segurança.

² No Método Documentário conforme Weller (2006) utiliza-se uma codificação da fala, que neste texto foi simplificada. Na lista de códigos, "@" significa risos; a palavra sublinhada indica ênfase na fala; o número entre parênteses expressa o tempo de duração de uma pausa (em segundos); o sinal de ":" indica que a pronúncia da palavra foi esticada; o sinal "=" entre duas palavras iguais indica a pronúncia de forma emendada.

³ Tipo de veículo utilizado por grupos de extermínio no bairro.

O medo é um sentimento que paralisa e também protege, pois, ao se sentirem em perigo, as meninas deixam de fazer algo e ao mesmo tempo as direciona a uma posição criativa de, ao não poder evitá-lo, elaborar estratégias de proteção, assim como vemos no trecho da fala de Cf: “eu sempre gravo as placas do carro”. Esse parece ser um modo de resistir à dinâmica da vida de uma jovem mulher no bairro, que, segundo elas, pode ser sequestrada a qualquer momento. Essa ideia de resistir pode ser vista na fala em que é dito: “se... tipo...eu for sequestrada e tiver a oportunidade de pegar um telefone, eu já vou falar, eu estou aqui nessa casa, tal, tal o número da placa é essa” (Cf). Vemos que é necessária a estratégia que a jovem cria para tentar proteger-se, salvar sua vida, caso seja alvo de sequestro. A vida de jovens moças nos bairros de camadas populares, para este grupo é marcada pelo medo e pela resistência, o que aponta a difícil realidade de ser menina no bairro. Outro aspecto que restringe a liberdade se refere ao preconceito por residir em um bairro periférico:

Bm: No caso do *shopping* ... quando a gente está no cinema e pega a última sessão, a gente fala com toda a educação: “bom dia, quanto está custando, né ... a passagem de ida lá pra Terra Firme, lá na praça?”⁴ Aí ele fala: “Tá doido, Terra Firme, nunca que eu vou”. Nunca? Aí a gente vê um preconceito como o nosso bairro, né? Já tipo ... sei lá...

Dm: Na realidade? Eles dizem que é uma brincadeira, né?

Cm: Uma brincadeira de mau gosto

Dm: Uma brincadeira de mau gosto, “Égua, Terra Firme? Me rouba logo!” ou “Tu é doido, vou ali pra aquele pedaço e ainda vão me roubar naquela ponte”, porque a referência de ponto vermelho na Terra Firme, é o Tucunduba⁵, a ligação são os pontos mais perigosos que os moradores consideram e a sociedade também. Aí, oh, por exemplo, eu... tem umas pessoas aqui da escola que moram aqui perto da escola mesmo na Perimetral⁶.

Cm: A menina

Dm: Por exemplo ela mora aqui na Perimetral é perigoso ... rola muito assalto, arrastão

Em: Principalmente aqui que é soturno, é muito propício pra rolar assalto essas coisas

Dm: Como eu falei... ela mora na Perimetral, aí eu fui falar numa roda de conversa de amigos que estavam se conhecendo, né? Aí eu era novato e quis me enturmar com eles e aí eu falei onde morava, falei que eu morava perto do Tucunduba... aí começou as brincadeiras de mau gosto que eu era traficante e tal e mexia com drogas

Bm: Até hoje a gente vê isso, né? (GD QUESTIONADORES)

Esse GD aponta uma situação corriqueira vivenciada pelos jovens da Terra Firme: o preconceito pelo lugar onde moram. Há uma relação quase que automática entre morar no bairro e o crime. Isso é

⁴ Parece ser uma conversa com motorista de táxi, com o fim de estabelecer o valor da corrida do *shopping* até sua residência à noite, ainda que comece a frase com “Bom dia”.

⁵ Trata-se de um rio, nomeado na região como igarapé. Compõe um dos 13 canais da bacia hidrográfica urbana do Tucunduba.

⁶ É via de acesso para locais importantes e de grande movimento, como a Estrada da Ceasa, Embrapa, *Campus* de Pesquisa do Museu Emílio Goeldi, Eletronorte, Escola de Aplicação da UFPA, além das duas universidades federais (UFRA e UFPA) que demandam a maior parte dos usuários do transporte coletivo da via. Ela também corta o igarapé do Tucunduba, dividindo os bairros do Guamá e da Terra Firme.

visto quando relatam a fala das pessoas sobre o bairro: “Égua, Terra Firme, me rouba logo” (Dm). Destaca-se nessa fala a negatividade que o local representa dentro da sociedade belenense, pois uma frase dita dessa forma não só reafirma o preconceito como ofende, já que se subentende que ali só moram ladrões. Esse preconceito atinge a dinâmica de vida desses jovens, já que sofrem restrições dos serviços de transportes particulares como táxi ou transporte de passageiros por aplicativo para voltar para casa como relatado por Bm. O cuidado ao construir sua fala dando a ela o caráter formal e a cordialidade com a qual se reportou ao motorista, foi uma forma de mostrar-se com diferencial, uma tentativa de quebrar os estereótipos dado aos jovens daquele bairro.

A relação de preconceito é uma realidade que ocorre entre os moradores do próprio bairro. No trecho “ela mora na Perimetral [...] aí eu falei que morava perto do Tucunduba⁷, aí começou as brincadeiras de mau gosto que eu era traficante e mexia com drogas” (Dm), revela-se que morar na ‘Perimetral’ (uma avenida) seria um fator de distinção social, pois os equipamentos urbanos existentes naquele espaço simbolizam para seus moradores um privilégio, todavia, morar em ruas mais distantes desta via, no caso, próximo ao Tucunduba, significaria fazer parte ou estar próximo ao crime.

As meninas demonstram ter clareza acerca das percepções do outro sobre o bairro e, porque não, sobre elas? A explicação “porque pensam que aqui é, tipo uma periferia que só tem ladrão”, demonstra consciência de que essas visões, repassadas socialmente, se transformam em rótulos que lhe foram dados. As meninas refutam essa visão que estigmatiza, ao dizerem: “mas tem as pessoas que como a Bf falou que são boas, que são trabalhadoras e é isso” (Cf). Compreende-se que se contrapõem a ideia de que bairro não deve ser identificado como um local da violência e do crime, e sim, como um local que acolhe todos os dias pessoas que utilizam do seu trabalho honesto para sobreviver. Esse GD defende os moradores do bairro ao se afirmar que nele moram pessoas trabalhadoras e denuncia a ideia que na Terra Firme só mora ladrão.

Além dos aspectos relacionados à restrição da liberdade, como a violência, o preconceito linguístico, racial e com o local de moradia, o medo de ser sequestrada, foram apontados outros aspectos que incidem negativamente em como é ser jovem estudante na Terra Firme. Vejamos a seguir:

Bm: Não tem só (inaudível) tem outros pontos que a gente pode aproveitar que não são bons... a área do saneamento, né Dm? Se a gente for ver o nosso bairro está um pouco jogado pelo governo por que... tipo... nesse tempo de eleição pode ser até que ele olhe, né? Mas infelizmente já está a 11 dias perto da eleição e nem assim eles olharam para o nosso bairro. Se a gente for entrar nessas ruazinhas por aí é só buraco

Cm: Buraco!

⁷ Neste trecho da fala Tucunduba se refere a área de expansão da cidade e caracterizado por um processo de urbanização acelerado, ocupada por uma população de baixa renda, especuladores e segregados e com total carência de serviços de infraestrutura, como: água encanada, esgoto e coleta de lixo.

Em: Principalmente uma rua lá perto da casa do Dm quando chove fica alagada

Dm: É a Comissário...

Dm: Mas também... a... os deputados... o pessoal que toma conta dessas coisas tem que também ajudar as pessoas nessa coisa... por causa de alagamento, o saneamento básico que é precário aqui no nosso bairro... Também eles não têm tanta culpa, mas eles deviam sanear essas ruas

Cm: Às vezes somos nós mesmo do bairro...

Dm: Sanear as pistas... Vem o caso de... do morador vizinho jogar o lixo na rua, põe na calçada, cachorro vai, rasga, não tem uma lixeira adequada, aí vem o caso que... O governo podia ajudar nosso bairro promovendo palestras... E dizer que tem... Aqui na Terra Firme tem o ponto histórico que é o ponto de memória da Terra Firme, eu acho muito interessante esse projeto que é coordenado pela professora Helena Quadros e... eu sou amigo dela e eu nunca frequentei nenhuma roda de mesa pra debater sobre o projeto né? Mas vai ter aqui na escola, ela falou que vai ser muito bom também... Aí é isso que eu queria... mais palestras pra influenciar os alunos a não evadirem

Cm: Evasão.

Dm: Dá orientação pra evitar a evasão escolar também que rola muito nos bairros periféricos e é isso que eu queria falar também (GD QUESTIONADORES).

Os jovens estudantes identificam que o bairro está à margem das ações do poder público, já que nele não há saneamento e nem asfaltamento. Em sua percepção, o descaso é materializado pela identificação de buracos e de enchentes, e que, mesmo em época de eleição, os candidatos não voltam sua atenção para o bairro, deixando-o “jogado”. O termo “jogado” é emblemático, pois emana a ideia de algo sem valor, sem prestígio, passivo de ser esquecido, talvez os meninos e as meninas residentes nesse logradouro se sintam da mesma forma: esquecidos (as). Cerrar os olhos para as carências do bairro é voltar-se contra os jovens que ali moram, é deixá-los como disseram: “jogados”.

Como se pode observar, no grupo surge a ideia de que as constantes enchentes ocorridas no bairro são também responsabilidade da população por não ter uma formação consciente e sensível sobre como cuidar do meio em que vivem e por não haver onde depositá-lo adequadamente. Da mesma forma que denuncia essa postura dos moradores, oferece sugestões ao governo: “o governo podia ajudar nosso bairro promovendo palestras” (Dm). A formação educacional seria, talvez, uma das formas de solucionar esse problema do bairro com a parceria de instituições existentes no bairro, como se afirma: “aqui na Terra Firme tem o ponto histórico que é o ponto de memória⁸ da Terra Firme”, o que também faria diferença nesse processo em sua opinião.

O grupo estende a sua reflexão até a sua permanência na escola, quando afirma nunca ter participado de discussões sobre o projeto “Ponto de Memória”, bem como, seu desejo de ter palestras para que os estudantes não saiam da escola: “eu queria... mais palestras pra influenciar os alunos a não

⁸ *Ponto de Memória* é um projeto que documenta a história do bairro da Terra Firme com o apoio do Museu Emílio Goeldi, renomada instituição de pesquisa do Estado.

evadirem”. Para esse GD, atividades educativas diferenciadas são importantes para a manutenção de meninos e meninas na escola.

Outro grupo de jovens estudantes também apontam situações de precariedades relacionadas à falta de infraestrutura no bairro:

Am: Eu acho que é bem difícil, né? Porque não tem saneamento né? Não tem estrutura para as pessoas que moram aqui e... Também... né? Quando chove, toda hora chove; a frente do colégio enche né? E não dá pra gente também, pra gente vir estudar.

Cm: Aqui está meio complicado quando chove assim. Às vezes a aula é suspensa, aí ... Às vezes quando a gente já está na escola, tem que sair e se molha, pisa na água, pode contrair doenças (GD FUTEBOL).

Esse grupo de estudantes ao denunciar a ausência de saneamento básico no bairro, revela sua inquietação e desconforto para além de “pisar seus pés na água e contrair doenças”. Seu desconforto aparenta estar mais atrelado a sua formação educacional, ao dizer: “E não dá pra gente também, pra gente vir estudar” (Am), “às vezes a aula é suspensa” (Cm). Depreende-se o valor que eles atribuem à escola e, talvez, a seu aprendizado, já que falam com descontentamento sobre a suspensão de aulas. A palavra *aula* traz uma carga de sentido forte, pois, quando se pensa em aula, pensa-se em estudar conteúdos organizados por professores, mas, também, pode-se pensar no conjunto de coisas que a aula pode oferecer, como diversão, sociabilidade e aprendizados. De todo modo, esse grupo faz uma relação quase que imediata entre o período chuvoso e a suspensão de aulas, situação que não lhes agrada e permite perceber a visão positiva que eles têm sobre a sua escola e sua vontade de estar nela.

Além dos fatores relacionados à restrição de liberdade, como a violência, preconceito racial, linguístico com o local de moradia e a infraestrutura que roubam a felicidade dos jovens, há outros fatores que indicam aspectos positivos de ser jovem no bairro da Terra-Firme.

Ef: É também, como a Bf falou, tem seu lado bom e seu lado ruim, né, o lado ruim todo mundo já conhece, a respeito de assalto, de saneamento básico que não tem em todas as ruas, é? Assim? Esse negócio... a preocupação na maioria das coisas é o assalto, tu sair e tu não sair assim, livre: “Ah, eu vou sair rapidinho e não vou ser roubado, não? Tu já sai com aquele medo de ser roubada, de ser sequestrada. Entendeu? Mas assim... é um bairro que também pode ser, pode crescer, a gente vê assim que ele está crescendo, entendeu? Pode crescer mais se as pessoas dessem mais atenção... assim... a respeito, “ah, vamos asfaltar as ruas, dar emprego para as pessoas desocupadas porque na verdade, são pessoas desocupadas ... Assim, tem seu lado bom, seu lado ruim, mas eu gosto de morar aqui. É bom morar aqui, tirando o assalto @(1)@ tirando a violência (GD DENUNCIA).

Nessas últimas linhas florescem outros olhares sobre o bairro, não mais aquele disseminado de forma estigmatizada pela sociedade e nem aquele dito pelos moradores que se configura em torno da precariedade e da violência. A Terra Firme que a menina enxerga, talvez muita gente não consiga ver, pois ao dizer: “é um bairro que tem muito pra crescer” indica potência de desenvolvimento no bairro. Destaca a infraestrutura: “ah, vamos asfaltar as ruas”; reconhece o desemprego como uma característica social e não uma opção na frase: “porque, na verdade, são pessoas desocupadas”; percebe que, para potencializar

o desenvolvimento do bairro, seria necessário um olhar mais atento, um olhar das pessoas responsáveis pela gestão da cidade, de políticas nas áreas de saneamento e de geração de emprego. Ao dizer: “tem seu lado bom e seu lado ruim, mas eu gosto de morar aqui”, evidencia que a sua percepção não é romantizada ou inocente, é consciente das mazelas e da extrema violência existentes no bairro. Outros aspectos positivos foram apontados por outro grupo de jovens estudantes:

Bm: Bom... eu que moro na Terra Firme... Vou falar por mim... Eu acho um bom lugar: pessoas ótimas de se viver aqui... Apesar de ter um pouco da violência no nosso bairro... Essas mortes aí, grupo de milícias (inaudível) é uma parte que toca um pouco, né: é uma coisa grave... Tem que ser resolvido. Durante meus 17 anos morando na Terra Firme, eu... aprendi. Eu aprendi muitas coisas aqui. É... Tem escolas aqui, tem muitos bairros que não têm, tem posto de saúde... Apesar de ser precário mas tem e:: o pouco que tem a gente tem que preservar, né? E... Eu tenho muitos amigos mas infelizmente eu perdi muitos já ... Tive experiências de diversas coisas é... deixa ver ... Também vou voltar pra esse lado que o Am falou... é:: como a gente é da periferia a gente é desprezado em diversos lugares, né? Outras pessoas têm outro olhar, olham diferente pra nós.

Dm: É mais também o nosso bairro ... Está fixado em um ponto bem=bem legal, assim, não estou falando no negócio da segurança... Mas, assim por exemplo... a gente tem as melhores faculdades perto da gente como a UFPA, UFRA como Cm falou a UEPA, também:: o nosso bairro fica bem= bem sei lá (2)

Cm: Bem localizado!

Cm: Eu gosto desse bairro aqui por causa que passei minha infância todinha aqui desde que eu nasci, passei minha infância aqui... Minha adolescência e... Sempre assim foi uma boa convivência com todas as pessoas nunca teve essas coisas de um vizinho não querer falar com o outro e essas coisas assim... e (1) também não vou dizer que é uma boa estrutura assim:: infraestrutura no caso mas sempre também como o Bm falou também tem bastante escola:: se a gente for ver tem a UFRA que é a universidade aqui do lado da escola e... Também assim, sobre a parte de lazer como o campo da Terra Firme esses lugares assim pra praticar esporte. (GD QUESTIONADORES).

Os meninos sentem orgulho pelo local de moradia e potencializam os pontos positivos do bairro: “eu acho um bom lugar: pessoas ótimas de se viver aqui” (Bm), destacando a boa relação interpessoal que desenvolvem na comunidade, refutando o lugar comum e estereotipado dado aos moradores e jovens do bairro. Para eles os serviços existentes no bairro são vantagens que não existem em outros bairros: “tem escolas aqui, tem muitos bairros que não têm, tem posto de saúde” (Bm) e suavizam a falta de eficiência desses serviços: “apesar de ser precário mas tem: e:: o pouco que tem a gente tem que preservar, né?” (Bm). Infere-se que o lugar do menino que fala sobre o bairro não é aquele que potencializa os problemas da sua comunidade, pelo contrário, suaviza, não os põe em evidência. A frase de Bm “é precário mas tem”, revela o caráter amenizador que foi dado à situação de ineficiência de serviços de saúde no bairro. O jogo de sentidos das palavras quase opostas gera um conforto para o jovem morador que sente a necessidade de preservar o “pouco que tem”. A palavra *pouco* se destaca positivamente, pois de acordo com sua percepção, não são em todos os bairros da cidade que há postos de saúde.

Dm ao dizer que o bairro está fixado em um “ponto bem=bem legal”, tem o cuidado de esclarecer que não se refere à segurança, e sim a sua boa localização: “a gente tem as melhores faculdades perto da

gente como a UFPA, UFRA como Cm falou a UEPA”. O bairro é localizado em um espaço privilegiado por concentrar em seu entorno instituições de ensino superior públicas, ao que ele atribui uma vantagem, ou diferencial em relação a outros bairros.

O lugar que esses estudantes designam à violência é ínfimo. Na frase: “apesar de ter um pouco da violência no nosso bairro” (Bm), a palavra *pouco* ganha um valor semântico positivo quando colocada junto da palavra *violência*, pois revela que a percepção dos estudantes é menor do que a propagada socialmente. E, ao falar: “essas mortes aí, grupo de milícias” (Bm) revela o afastamento intencional do jovem morador da realidade violenta do local. Para eles, ser jovem e morador do bairro da Terra Firme significa compartilhar boas experiências como as oferecidas pela relação interpessoal.

4 APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

O contato direto com jovens estudantes das camadas populares permitiu estudar a realidade dos fatos, priorizando o universo de significados atribuídos por eles acerca dos fenômenos sociais existentes, dentro e fora do contexto escolar. Utilizar o Grupo de Discussão como técnica de coleta de dados foi, sobretudo, essencial para a percepção acerca deste universo de significados, já que foi possível compreender os sentidos que emanaram das narrativas dos jovens estudantes. Essa técnica de reunião de dados possibilitou que jovens estudantes relatassem sua visão de mundo acerca de sua escola e suas normas, bem como a sua percepção de como é ser jovem e morador do bairro da Terra Firme.

A análise à luz do Método Documentário consistiu em compreender aquilo que foi documentado nas descrições dos entrevistados sobre suas atitudes, hábitos e padrões de orientação. Dessa forma, após as análises das narrativas, foi possível delinear percepções comuns entre os jovens estudantes, indicando a visão de mundo de jovens estudantes sobre seu bairro e sua escola. Tais percepções possibilitaram delinear o modelo de orientação *dicotomia* em que ser jovem estudante e morador (a) de um bairro popular é ter ciência não só dos problemas que o bairro enfrenta, mas também, ter clareza de certa distinção.

Os estudantes veem que ser jovem, estudante e morador do bairro é ser associado aos seguintes pontos negativos: a) a restrição de liberdade devido ao aumento da violência que incide de forma potente sobre eles; b) ao racismo, pois a maioria das vítimas de violência são negros (as); c) ao preconceito linguístico, por serem usuários de uma linguagem sem prestígio social vinculada, supostamente, a uma linguagem utilizada por pessoas ligadas ao crime; d) ao medo de sequestro, especialmente entre as meninas; e) ao preconceito de terceiros com o local de sua moradia que lhes causaria dificuldade em encontrar transportes particulares que os/as levassem até seu bairro, e, por fim, f) ao impacto sobre a escola da ausência ou carências de políticas públicas relacionadas a infraestrutura ou ausência de saneamento básico no bairro, por vezes impedindo o acesso ou ocasionando a suspensão das aulas.

Essa visão de mundo, resultado das experiências compartilhadas entre os membros dos grupos, representa muito bem os escritos de Frigotto (2009) acerca da juventude das camadas populares. Segundo ele, um número expressivo de jovens sofre violência em seu meio e em suas condições de vida, inserindo-os numa situação de risco permanente, são alvos das mais diversas formas de violências proporcionadas pelo Estado que as justifica como um “choque de ordem”. Os jovens sofrem com o processo de desumanização e violência social a que são acometidos cotidianamente, tornando-se alvos fáceis para o mercado da prostituição infanto-juvenil, gangues e para o tráfico de drogas. Segundo o autor, a vida desses meninos e dessas meninas tem sido cada vez mais precarizada, cheia de ausência e, quiçá, sem perspectiva para o futuro.

Por outro lado, os estudantes veem que ser jovem, estudante e morador do bairro tem sentidos positivos posto que: a) acreditam no potencial do bairro e na possibilidade de crescimento do mesmo, indicando, contudo, que são necessários maiores investimentos no local e uma política voltada para a criação de empregos; b) destacam a localização do bairro por estar próximo ao centro da cidade e com o diferencial em relação a outros da capital, já que Instituições de Ensino Superior e Centro de Pesquisas Científicas estão ali sediados; c) equipamento urbano, posto que há no bairro postos de saúde e de escolas ausentes em outros bairros e, d) a sociabilidade entre os moradores, pois haveria uma relação de trabalho, de amizade e de respeito entre as pessoas da comunidade. Vale destacar que a indicação desses pontos positivos questiona o estereótipo de morarem e estudarem num dos bairros mais violentos da cidade.

A relatividade nos modos ver ou sentir não surgiu à toa, foi fruto de experiências que meninos e meninas tiveram nessa comunidade, experiências boas e ruins, as quais permitiram que a sua compreensão de mundo, ou melhor, sua visão sobre ser jovem e estudante no seu bairro fosse uma mistura de sensações, de sentimentos, advindos de uma realidade de vida que, ora oferece diversão, boa relação interpessoal, ora restringe sua liberdade. O bairro não é somente um espaço com prejuízos e sim, um espaço em que são criadas redes de relações importantes para a construção de sua sociabilidade. O que se constata é que as ausências de políticas públicas, de infraestrutura atingem diretamente a condição da juventude do bairro, pois não favorece que esses e esses estudantes tenham possibilidade de uma formação educacional ampla, que lhes oportunize experiências educacionais ampliadas e positivas fora da escola.

REFERÊNCIAS

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; DAMASCO, Denise Gisele de Brito Damasco. Gestão Escolar e juventude: buscando entendimentos para uma educação cidadã. In: OLIVEIRA, Ivanilde A.; ALVES, José da C. A. **Educação, Diversidade e inclusão sociocultural em diferentes contextos**. Curitiba: CRV, 2016.

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O Método Documentário na análise de grupos de discussão. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org). **Metodologia de Pesquisa Qualitativa em Educação**. 2a.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. A invisibilidade da juventude na vida escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 325-343, jul./dez. 2004

DAYRELL, Juarez: A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**. Campinas, v 28, n. 100, p. 1105-1129, out. 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Expectativas Juvenis e Identidade do Ensino Médio: Ensino Médio no Brasil: "Juventudes" com futuro interditado. In: **Juventude e Escolarização: Os Sentidos do Ensino Médio**. SEAD/MEC, Ano XIX, Boletim Salto para o Futuro, n. 18, nov. 2009.

HAGE, Salomão Mufarrej. Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi)seriado de ensino. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 97-113, abr/ 2011.

JESUS, Maria Cristina Pinto de et al. A fenomenologia social de Alfred Schütz e sua contribuição para a enfermagem. **Revista esc. Enfermagem**. USP [online], vol 47,n.3, PP.736741,2013.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. *Revista española de investigaciones sociológicas*. Madri, Espanha, nº 62, p. 193-245, 1993.

MARGULIS, Mario. Juventud: una aproximación conceptual. In: BURAK, Solum Donas (comp). **Adolescencia y juventud en América Latina**. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001

NUNES, Perreira Brasilmar; WELLER, Wivian: A juventude no contexto contemporâneo. **Estudos de Sociologia**. Revista do Programa de pós-graduação em Sociologia da UFPE, Recife, v.9, n. 2, p. 43-57, 2014.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, nº 13, p.260-300, jan/jun 2005.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago 2006.